

## **Arte, Ciência e Inclusão: a música e a musicoterapia em um fórum multidisciplinar de discussão e compartilhamento de experiências**

**Líliam Cafiero Ameal**  
IBqM/UFRJ/Colégio Pedro II  
[liliamameal@yahoo.com.br](mailto:liliamameal@yahoo.com.br)

**Resumo:** A Arte em seu processo biológico de impulso criador, intrínseco ao homem, desempenha juntamente com a Ciência importantes relações entre o indivíduo, a vida e o mundo. Pesquisas baseadas em experiências com recursos musicais e com musicoterapia têm demonstrado um grande potencial destas atividades para a melhora da capacidade de comunicação, interação, integração, desenvolvimento da cognição social e redução de estereótipos em crianças e jovens autistas, e também em pessoas com dificuldades/distúrbios específicos (sensoriais, motores e/ou cognitivos). Assim, com o objetivo de criar condições para o avanço da musicoterapia e a utilização de atividades musicais para inclusão de alunos/pacientes em escolas e espaços não formais, desenvolvemos uma *homepage* com um blog que, voltado para interlocuções entre arte, ciência e inclusão, têm a participação de pesquisadores e especialistas, de diversas áreas, de modo a proporcionar um fórum multidisciplinar de discussão e compartilhamento de experiências. A hipótese é que a partir da interação entre profissionais de diferentes áreas surjam sinergias capazes de justificar quer um aumento do interesse dos profissionais sobre áreas correlatas, quer uma atuação conjunta mais frequente entre eles na atuação com as diversidades encontradas no contexto escolar e nos espaços não formais.

**Palavras-chave:** Arte; Inclusão; Educação Musical; Musicoterapia.

### **Art, Science and Inclusion: music and music therapy in a multidisciplinary forum of discussion and experience sharing**

**Abstract:** Art's biological creative impulse process, which is part of man himself, plays, along with Science, a relevant role in the individual, life and the world. Researches based on experiences with music resources and music therapy have demonstrated a great potential for the improving of communication, interaction, integration, social cognition as well as the reduction of stereotypes among autistic children and young people. The same benefits have achieved people with any sensorial, motor or cognitive disturbances. Therefore, aiming at the progress of music therapy and the use of music resources in order to include students/patients in schools or non-formal institutions, we have developed a blog as part of a website concerning art, science and inclusion with the participation of researchers and specialists of different areas, as a multidisciplinary forum for discussions and experience sharing. The hypothesis is that through interaction between different music educators, the interest of others professionals towards music education may increase, and would enable them to take part in joint actions in order to promote the development of students/patients.

**Keywords:** Art; Inclusion; Music Education; Music Therapy.

## **Arte, Ciencia y Inclusión: la música y la musicoterapia em um forum multidisciplinar de discusión e intercambio de experiencias**

**Resumen:** El impulso creador biológico del Arte, intrínseco al hombre, juega un rol decisivo junto con la ciencia entre el individuo, su vida y el mundo. Investigaciones basadas en experiencias con recursos musicales y musicoterapia han mostrado un gran potencial para mejorar la comunicación, interacción, integración, cognición social bien como reducir estereotipos entre los niños y jóvenes autistas. Esos mismos beneficios han alcanzado personas con disturbios sensoriales, motores o cognitivos. Por lo tanto, con objetivo de contribuir con la musicoterapia y la práctica de los recursos musicales para incluir alumnos/pacientes en escuelas o instituciones no-formales, hemos desarrollado un blog en internet acerca de Arte, Ciencia y Inclusión, como espacio multidisciplinar de discusión e intercambio de experiencias, con la participación de investigadores y especialistas de áreas distintas. La hipótesis es que através de la interacción entre distintos educadores musicales, el interés de otros profesionales por la educación musical pueda aumentar, haciéndolos capaces de actuar conjuntamente en acciones que promuevan el desarrollo de los alumnos y pacientes.

**Palabras-clave:** Arte; Inclusión; Educación Musical; Musicoterapia.

### **Introdução**

Esse trabalho traz à discussão a primeira parte do problema a ser abordado na minha pesquisa de mestrado: qual o papel da Arte na promoção da inclusão de pessoas com autismo no contexto da educação musical? Portanto, refere-se às questões relativas ao papel da Arte na vida do ser humano, bem como sua relevância na promoção da inclusão escolar tanto de indivíduos típicos quanto daqueles socialmente considerados “diferentes” seja por aspectos culturais, religiosos, étnicos ou por necessidades especiais. Ao longo desta exposição, argumentaremos acerca da inclusão escolar na atual conjuntura das escolas brasileiras, evidenciando que as práticas educativas hegemônicas relativas à educação musical muitas vezes são ineficazes na tarefa de musicalizar tanto sujeitos típicos quanto autistas. Por fim, tentaremos mostrar que práticas musicais alheias à educação formal podem contribuir com a inclusão de crianças autistas às relações pessoais e atividades sociais bem como potencializar seu desenvolvimento cognitivo e afetivo.

### **Objetivo**

Verificar o papel da Arte no contexto da Educação Musical para o processo de inclusão de crianças e jovens autistas e/ou com dificuldades/distúrbios específicos no ambiente escolar e em espaços não formais.

### **Metodologia e resultados preliminares**

A pesquisa é de caráter bibliográfico com abordagem quantitativa e qualitativa. Foi realizado um levantamento bibliográfico sistemático sobre o potencial das atividades musicais e da musicoterapia para a inclusão de crianças autistas e não autistas às atividades escolares.

### **Desenvolvimento e manutenção da homepage e blog**

O *blog* foi desenvolvido através do uso da plataforma Wordpress (versão 4.4.2-pt\_BR), hospedado no servidor Locaweb, no domínio <http://www.cienciasecognicao.org>. Para aparência foi usado o tema Graphene (versão 1.9.4.2). A *homepage* com o *blog* foi apresentada e colocada no ar no XV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, no dia 2 de novembro de 2015. As publicações são realizadas quinzenalmente, nos dias 1 e 15 de cada mês.

### **Desenvolvimento**

#### **A função social da Arte**

Fischer (s.d) parte da premissa de que a Arte é e sempre será necessária. Ela possibilita-nos externalizar conflitos, emoções, dúvidas e lidar com eles “do lado de fora”, isto é, a arte traduz nossas emoções e sentimentos. Desse modo, é comum ouvirmos aquelas músicas que acreditamos traduzir nossas ideias e sentimentos sobre o mundo ou sobre relações humanas. Tal função refere-se igualmente à um romance, uma pintura, ou outra obra de arte. Conforme Fischer (idem, s.d.), a resposta à pergunta do por que buscamos a arte para acalmar-nos ou divertir-nos poderia ser encaminhada por essa relação íntima do indivíduo com as diversas expressões artísticas. Nós, seres humanos, ansiamos uma “plenitude de vida” que é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações (s.d, p. 13). A arte, então, nos permite ver humanidade naquilo que é e não é nosso: vemos nossa angústia ou alegria na humanidade e a da humanidade em nós. Reconhecemo-nos humanos na arte!

O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; (...) anseia por unir na arte o seu “eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar *social* a sua individualidade (FISCHER, s.d., p. 13 grifo do autor).

A consciência, portanto, da incompletude de sua individualidade vinculada à busca incessante pela plenitude da vida impele o indivíduo ao reconhecimento de si nas experiências alheias. Suas porque fazendo parte da humanidade, tais experiências poderiam potencialmente lhe pertencer. Desse modo, a arte identifica o indivíduo com aquilo que ele não é, mas que constitui também sua personalidade. Desenvolvendo tais raciocínios, Fischer questiona-se se não seria essa concepção de arte demasiado romântica, uma vez que, ao representar o real, a arte pode nos manter sob o jugo do cotidiano. “Não seria problemático postular essa função universal e original de arte?” (Fischer, s.d., p. 14).

De acordo com o autor, por vivermos num mundo alienado, os mecanismos de aprisionamento da realidade social precisam ser explicitados, assim como “devassada a alienação do tema e das personagens” (Fischer, s.d). Na concepção progressista do autor, a obra de arte deve apelar à razão que incite a ação e decisão diante desses mecanismos de aprisionamento do homem às agruras da alienação do trabalho, do sofrimento da vida e do cotidiano. As normas que fixam as relações sociais devem ser vistas como passíveis de transformação, levando o espectador à formulações alternativas ao estabelecido.

A razão de ser da arte nunca permanece inteiramente a mesma. A função da arte, numa sociedade em que a luta de classes se aguça, difere, em muitos aspectos, da função original da arte. (...) Toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento (FISCHER, s.d., p. 17).

A partir das reflexões acima citadas, o autor argumenta que a característica que confere perenidade a uma obra de arte e lhe dá forma artística é a expressão dos conflitos, paixões e potencialidades ilimitadas humanas. Cada fragmento de arte se junta a outros fragmentos e vão compondo a humanidade (idem, s.d.). A função da arte, desse modo, diz respeito sempre ao homem *total*, tornando-o capaz de reconhecer-se naquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser.

Com relação ao trabalho com as artes no contexto educacional, parece evidente que a escola cumpre um papel essencial na garantia de acesso aos saberes artísticos necessários à criação e expressão estéticas pelo aluno.

Estabelecida a função precípua da educação escolar na atual sociedade, vamos agregar duas reflexões-chave à educação escolar contemporânea e analisar em que medida tal instituição dá ou deveria dar conta de tais demandas. A primeira refere-se ao fenômeno da *inclusão escolar* como garantia de acesso à formação escolar de crianças deficientes; a segunda diz respeito aos limites do espaço escolar na garantia do acesso aos saberes estéticos e por que e em qual medida o *fazer musical* deve ou não limitar-se à essa instituição.

Historicamente, a pessoa com deficiência enfrenta inúmeros obstáculos para usufruir de serviços disponibilizados pela sociedade, bem como para inserir-se ativamente no mundo do trabalho. De acordo com Maria Odete Silva (2009), no período medieval o deficiente era perseguido, eliminado e abandonado das atividades sociais, sendo colocado em hospício e albergues. Nos séculos XIX e XX, os deficientes são internados em locais específicos para receberem cuidados básicos. A preocupação com a educação, e o conseqüente atendimento educacional de tais pessoas, apenas mais tarde são institucionalizados. Com a conquista de alguns direitos da pessoa com deficiência, em meados do século XX, aparecem movimentos de integração dispostos à inserir tais pessoas nas atividades sociais e garantir-lhes equiparação ao padrão de “normalidade” vigente à época (Silva, 2009).

Podemos afirmar, contudo, que é com a Declaração de Salamanca, em 1994, defendendo o acesso de qualquer indivíduo, sem restrições físicas, sociais, culturais ou psicológicas à educação institucionalizada, que se deu grande impulso na garantia de direitos e na real “inclusão” das pessoas deficientes. Moraes (2016) corrobora tal defesa no seguinte excerto:

A educação inclusiva parte do pressuposto de que todos os alunos estão na escola para aprender e, por isso, participam e interagem uns com os outros, independentemente das dificuldades mais ou menos complexas que alguns possam evidenciar e às quais cabe à escola adaptar-se, nomeadamente porque esta atitude constitui um desafio que cria novas situações de aprendizagem (apud Silva, 2009, s.p).

Com o intuito de asseverar a relevância da educação musical na vida de pessoas deficientes e não deficientes, Viviane Louro (2006) destaca o seguinte:

A música pode ser um instrumento importante para se aprimorar a comunicação, com muita frequência assume aspectos de recreação e, certamente, é fonte comprovada de reabilitação. Mas, todas essas possibilidades em relação à música não excluem a importância da educação musical, vista como um processo pedagógico bem estruturado de alfabetização e sensibilização. Ainda mais que, dentro deste processo, além da aprendizagem musical em si pode-se observar a melhoria de vários aspectos da vida do indivíduo (LOURO, 2006, p. 27).

Como já defendemos anteriormente, a educação escolar desponta como instituição propulsora do desenvolvimento cognitivo e afetivo dos estudantes, uma vez que nela se desenvolve um trabalho pedagógico sistemático, organizado e intencional de ensino-aprendizado. Lançando mão da concepção de educação musical e seus efeitos na vida afetiva e cognitiva das pessoas deficientes ou não, proposta por Louro na citação acima, podemos reiterar o que viemos afirmando até aqui: a educação musical desenvolvida na escola é capaz de potencializar a habilidade musical do sujeito e integrar aqueles que foram “incluídos” no ensino formalizado, através da *comunicação*, *recreação* e *reabilitação*. Ora, tais meios formativos (comunicação, recreação, reabilitação) são presentes ao trabalho pedagógico desenvolvido na escola e podem ser potencializados nela. Vejamos sobre o que incide, de fato, a educação musical.

Em artigo intitulado *Inteligência, Música e Inclusão* (2016), Santos define uma série de contribuições cognitivas e afetivas promovidas pela educação musical em pessoas deficientes e não deficientes. Apoiado em Levitin (2010), Santos também destaca algumas regiões do cérebro estimuladas com o ensino e a prática musical:

- Córtex motor – regulação do movimento (acompanhar o ritmo com os pés/dançar e tocar);
- Córtex pré-frontal – criação de expectativas e satisfação ou decepção com elas;
- Córtex somatosensorial (parietal) – “feedback” tátil ao tocar instrumento e dançar;
- Córtex auditivo – primeiros estágios da audição/ percepção e análise dos tons;
- Cerebelo – movimento rítmico; reações emocionais à música;
- Córtex visual – ler música, ver os movimentos de quem executa instrumento;
- Corpo caloso – permite a passagem da informação entre os hemisférios (direito e esquerdo);
- Hipocampo – responsável pela memória e pela experiência emocional em contextos musicais;

- Núcleo acumbes – regulação do humor (dopamina) e coordenação dos movimentos (apud Levitin, pp. 203-204).

Em relação às conquistas afetivo-cognitivas possibilitadas pela educação musical à indivíduos deficientes e não deficientes, Santos (2016) pontua o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático e habilidades linguísticas.

Crianças autistas e alguns tipos de psicoses costumam demonstrar dificuldade de socialização e interação pessoal. Nestes casos, a demanda da música pela interação entre os músicos exercita grandemente a comunicação social, a relação interpessoal, a compreensão de si mesmo e a expressão das próprias emoções.

O estudo da música incentiva a interação social. Para tocar em conjunto é necessária a interação dos músicos; no processo de improvisação, por exemplo, o executante se envolve com o que o outro está expressando. Esse ato de ouvir o outro ao tocar expande-se para os demais ambientes que a pessoa frequenta, como a escola, o ambiente familiar e o de trabalho (ibidem, p. 206).

Não é difícil notar, de acordo com as manifestações do supracitado autor, que a música proporciona o desenvolvimento de faculdades humanas. A educação musical, neste contexto, evidencia-se como condição *sine qua non* para o alcance de tais faculdades, e mostra-se essencial ao trabalho formativo das crianças e jovens desenvolvido pelas nossas escolas. Em relação aos sujeitos deficientes, ficou claro também o impacto positivo da educação musical para a integração dessas pessoas aos diversos espaços e atividades sociais, promovendo-lhes habilidades psicofísicas capazes de garantir-lhes inserção ativa e criadora à sociedade.

No que diz respeito ao espectro autista, Guerrer e Menezes (2014) apresentam um relevante conjunto de dados empíricos sobre as relações entre autismo e música. Entre eles, relatam, com base no estudo de Molnar-Szakacs e colaboradores (2005), que algumas atividades musicais “envolvem imitação e sincronização, levando à ativação de áreas que contêm neurônios-espelho, proporcionando o desenvolvimento da cognição social, tarefas nas quais indivíduos autistas mostram dificuldades”. Também apontam, baseando-se em Wan e Schlaug (2010), benefícios da música na neuroplasticidade, provando que intervenções baseadas em música podem ser usadas para fortalecer conexões entre as regiões frontal e temporal, cuja anormalidade é presente nos autistas. Em consonância com essas ideias, “nos últimos anos tem sido demonstrado que o treinamento artístico impacta significativamente no funcionamento do sistema nervoso,

sendo capaz de alterar o desenvolvimento e a organização cerebral” (Sholl-Franco, Assis, Marra, 2012, p. 17)<sup>1</sup>.

Além desses estudos, Cosenza e Guerra (2011), no livro *Neurociências e Educação* relatam contribuições possíveis entre essas áreas, e buscam por meio de um projeto oferecido à profissionais da educação e comunidade em geral garantir formação sobre esta temática, contribuindo “para mudanças práticas do dia a dia do professor e para a melhoria do desempenho e evolução dos alunos” (p.7).

Contudo, apesar das novas leis de inclusão que surgiram após a declaração de Salamanca, como recentemente a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)<sup>2</sup>, “o termo continua longe de uma compreensão - e mesmo adoção - por parte do sistema educacional, sobretudo quando se trata de professores de música” (Louro, 2012, p.44).

### **Educação Musical e Musicoterapia**

Para encetar a discussão sobre educação musical e musicoterapia, pautaremos a distinção do papel de cada uma dessas áreas. É necessário, portanto, reafirmar que a escola contribui decisivamente com o avanço da educação musical e, que, ao mesmo tempo, não apenas na escola exerce a música papel significativo na vida do ser humano deficiente e não deficiente. Tal é a função da musicoterapia praticada fora dos muros escolares.

Conforme Cátia Suzano, em capítulo intitulado *Diálogos entre Educação Musical e Musicoterapia*, presente na obra “Música e Inclusão: múltiplos olhares” (2016), é de suma relevância distinguir o papel da educação musical e da musicoterapia afim de que ambas áreas adquiram suas especificidades e o devido reconhecimento na realização de suas atividades. Para a autora, a Educação Musical se refere àquela dimensão da formação direcionada à transmissão dos conhecimentos estéticos musicais. A relação do educador com o aluno se baseia exclusivamente na aquisição de um saber musical específico, comumente relativo às manifestações musicais indenitárias tanto da cultura local do educando quanto da cultura universal. As habilidades que visa desenvolver são prioritariamente aquelas vinculadas ao aprendizado musical (melodia, harmonia, ritmo, leitura, execução, postura, improvisação, entre outras) e, apenas

---

<sup>1</sup> Baseado nas pesquisas de Brown *et al.*, 2006; Overy *et al.*, 2004; Schellenberg, 2004; Schlaug *et al.*, 2005; Solso, 2003; Goswami, 2009; Hyde *et al.*, 2009; Morriso & Demorest, 2009.

<sup>2</sup> Lei de Inclusão Nº 13.146, de 6 de julho de 2015 - Estatuto da Pessoa com Deficiência. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em 12/08/2015.



secundariamente, auxiliam o aprendizado dos demais conteúdos escolares (alfabetização, matemática, história, geografia, ciências). Suzano afirma o seguinte acerca da educação musical:

No caso da educação [musical], a área é didática em nível aumentativo, ou seja, preocupa-se em fazer com que o indivíduo adquira conhecimentos, comportamentos e habilidades necessárias para uma vida funcional e independente, sendo complementar a outras modalidades de tratamento, atuando também como elementos de apoio (2016, p. 86).

A musicoterapia, em contrapartida, visa estabelecer tratamento psicofísico mediado pela relação do indivíduo com o *som*, isto é, não apenas com um único estilo musical, mas com aquele que se conecta afetivamente com o sujeito mobilizando-o à execução das tarefas e atividades propostas pelo terapeuta. Neste caso, o objetivo é desenvolver alguma capacidade motora, afetiva ou cognitiva, e não promover algum tipo de aprendizado musical. O intuito, portanto, é a aquisição de habilidades que auxiliarão esses indivíduos a se tornarem autônomos e ativos na vida comunitária. O conhecimento musical é prescindível, pois o foco é a *reabilitação*, ou seja, a saúde e a recuperação da pessoa. Diferentemente do professor, o musicoterapeuta

[...] é um facilitador dos efeitos sobre o paciente; ele busca atingir seus objetivos por meio de atividades e não por meio da verbalização. [...] Existe uma diferença também em termos de estímulo: na educação musical, uma grande parte dos professores trabalha com músicas folclóricas, populares e eruditas; já na musicoterapia trabalha-se com *todos e quaisquer* tipos de música e sons (SUZANO, 2016, pp. 86-87).

Com efeito, nossa concepção é a de que a escola como espaço formal desenvolve um papel fundamental na formação de sujeitos, deficientes ou não, ao garantir-lhes acesso aos saberes artísticos, científicos e filosóficos historicamente construídos pelos seres humanos. Tal formação se dá na base de uma relação sistemática e intencional com a cultura humana, num processo denominado de transmissão-assimilação organizado e gradual. Entretanto, se abrirmos o leque antropológico da educação, notaremos facilmente que a educação do ser humano é um processo mais amplo e transcende a instituição escolar. O processo educativo amplo realiza-se no plano da vida cotidiana do indivíduo, portanto, na produção e reprodução da sua vida, que se dá necessariamente em relação com outros seres humanos, no simples contato social estabelecido com e entre eles. O ser humano educa-se vivendo em comunidade. A educação formalizada tende a atender a dimensão da educação não disponibilizada no

cotidiano da sociedade, aquela que demanda a sistematização, organização e intencionalidade próprias do trabalho educativo desenvolvido na instituição escolar.

No que tange a educação musical, portanto, podemos conjecturar que dificilmente a formação musical da criança se realiza apenas no espaço formal da escola, uma vez que o *fazer musical* como produção cultural humana não se inicia nem termina em tal instituição, e muitos menos possui suas expressões máximas dentro dela.

Por esse motivo propomos como produto do nosso mestrado a página de internet com o blog *Arte + Ciência Inclusão* que foi desenvolvida para servir como fórum de apresentação e discussão de pesquisas sobre as áreas da música, musicoterapia, educação, inclusão, neurociências, artes e saúde, através do portal Ciências e Cognição (<http://www.cienciasecognicao.org/>). Já contamos com várias participações no *blog*, centenas de compartilhamentos e curtidas nas redes sociais e em outros sites, dezenas de comentários e indicações dos posts.

## **Considerações Finais**

São muitos os estudos, exames e pesquisas que buscam responder e entender a complexidade dos efeitos da música no cérebro humano. Os neurocientistas e pesquisadores da área, com a ajuda de aparelhos, investigam o que acontece com o cérebro cada vez que ouvimos música, criamos estruturas musicais e/ou tocamos um instrumento musical.

A utilização de recursos musicais tem demonstrado um grande potencial para a melhora da capacidade de comunicação, interação, integração, desenvolvimento da cognição social e redução de estereótipos em crianças e jovens autistas. A prática atenta parece sugerir que a utilização de atividades musicais pode promover importantes benefícios como o equilíbrio e a harmonia dos autistas, se esta for bem preparada e realizada com responsabilidade, atenção e análise constante das respostas encontradas. Uma abordagem multidisciplinar (de especialistas, profissionais da educação, professores de música e musicoterapeutas) pode ser muito importante tanto para o conhecimento científico a respeito do uso de experiências musicais com crianças e jovens autistas em um contexto de inclusão, bem como para sua utilização na prática da educação escolar. No entanto, cada profissional é a soma e o filtro de muitas experiências, e traz consigo muito mais do que seus estudos. O trabalho, na medida em que seu próprio conteúdo oferece subsídios para uma profícua atuação dos profissionais

junto aos autistas, poderá ao mesmo tempo servir de estímulo à busca de conhecimento em outras áreas e à inclusão de todos os alunos/pacientes nas escolas e em espaços não formais.

Entendemos que da interação entre profissionais de diferentes áreas resultará ações sinérgicas capazes de promover um aumento do interesse dos profissionais sobre os temas abordados, bem como em uma atuação conjunta mais frequente entre eles em prol das diversidades encontradas no contexto escolar e na sociedade.

## Referências

BRASIL. Lei de Inclusão Nº 13.146, de 6 de julho de 2015 - Estatuto da Pessoa com Deficiência, 2015. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em 12/08/2016.

BRASIL. Decreto nº 6.949 – Promulga a Convenção Internacional sobre os direitos das Pessoas com Deficiência, 2009. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em 15/08/2016.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da Arte*. São Paulo. Círculo do Livro. s.d.

GUERRER, B.L.; MENEZES, J.L. Percepção musical em crianças autistas: melhora de funções interpessoais. *Blog Neurociências em Debate*. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/>. Acesso em 15/08/2016.

LEVITIN, Daniel. J. *A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana*. Tradução de Clóvis Marques. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LOURO, Viviane S; ALONSO, Luís G; ANDRADE, Alex F. Uma visão geral sobre as deficiências. In: LOURO, Viviane S; ALONSO, Luís G; ANDRADE, Alex F. *Educação Musical e Deficiência: Propostas Pedagógicas*. São José dos Campos: Editora do Autor, 2006.

LOURO. V. *Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência*. São Paulo: Editora Som, 2012.

LOURO.V. *Ações Pedagógicas para inclusão de aluno com Transtorno do Espectro Autista numa Escola de Música de São Paulo: Relato de caso*. 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5965/198431781022014138>. Acesso em 12/08/2016.

MOLNAR-SZAKACS, I.; WANG, M.J.; LAUGESON, E.A.; OVER, K.; WU, W.L.; PIGGOT, J. *Autism, Emotion Recognition and the Mirror Neuron System: The Case of Music*. *MJM*, 12 (2), 87-98, 2009.

MORAES, G. M. *Educação musical inclusiva: aspectos históricos e exemplos práticos*. In. LOURO, V. (Org.) *Música e Inclusão: múltiplos olhares*. São Paulo: Editora Som. 2016.

SANTOS, E; LOURO, V. *Inteligência, Música e Inclusão*. In: LOURO, V. (Org.) *Música e Inclusão: múltiplos olhares*. São Paulo: Editora Som. 2016.

SHOLL-FRANCO, A.; ASSIS, T.; MARRA, C. *Neuroeducação: caminhos e desafios*. In ARANHA, G.; SHOLL-FRANCO, A. (Orgs.): *Caminhos da Neuroeducação*. 2ª edição. Rio de Janeiro (RJ): Ciências e Cognição, 2012. (pp.9-22).

SILVA, Maria Odete E. *Da Educação à Inclusão: Concepções e Práticas*. Rev. Lusófona de Educação, Lisboa, n.13, p. 135- 153. jun, 2009.

SUZANO, C. *Diálogos entre educação musical e musicoterapia*. In. LOURO, V. (Org.) *Música e Inclusão: múltiplos olhares*. São Paulo: Editora Som. 2016.

UNESCO. Declaração Mundial de Educação para Todos, 1990. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso em 12/08/2016.

WAN, C.Y.; SCHLAUG, G. *Neural pathways for language in autism: the potential for music based treatments*. Future Neurology, 5 (6), 797–805, 2010.